

REVISTA DO ITAÚ PERSONNALITÉ Nº 19 | JULHO DE 2012 | ANO 5

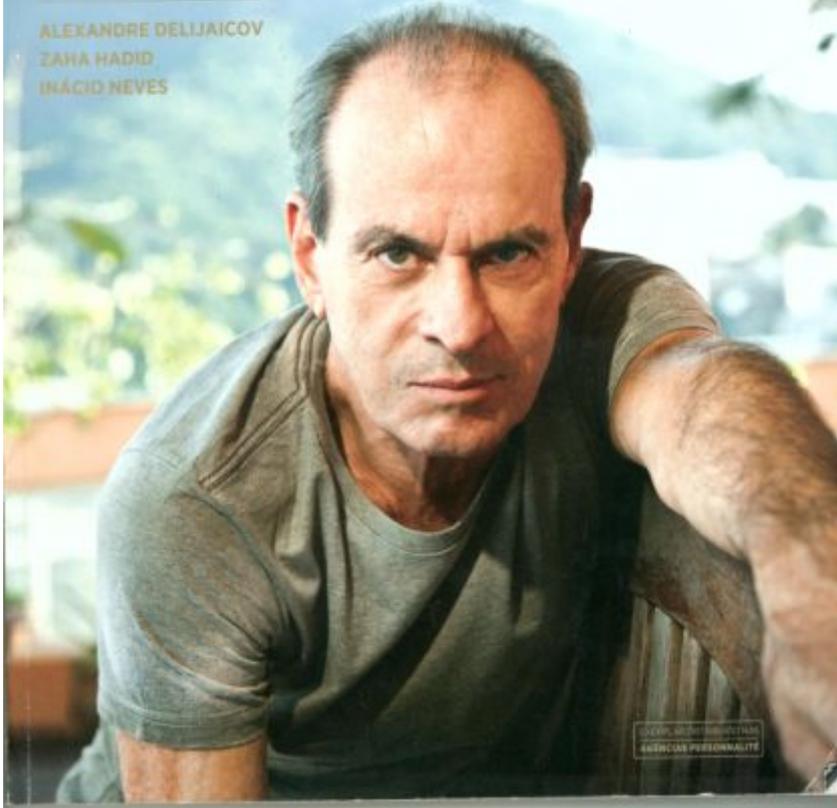


# PERSONNALITÉ

**NEY MATOGROSSO**

"Fui o que a vida me ofereceu  
ou agridou e eu não desisti"

**ALEXANDRE DELIJAICOV**  
**ZAHA HADID**  
**INÁCIO NEVES**



ITAU  
AGÊNCIAS PERSONNALITÉ

ZAHA HADID PERGUNTA:

# A VIDA RIBEIRINHA

# MELHOROU?

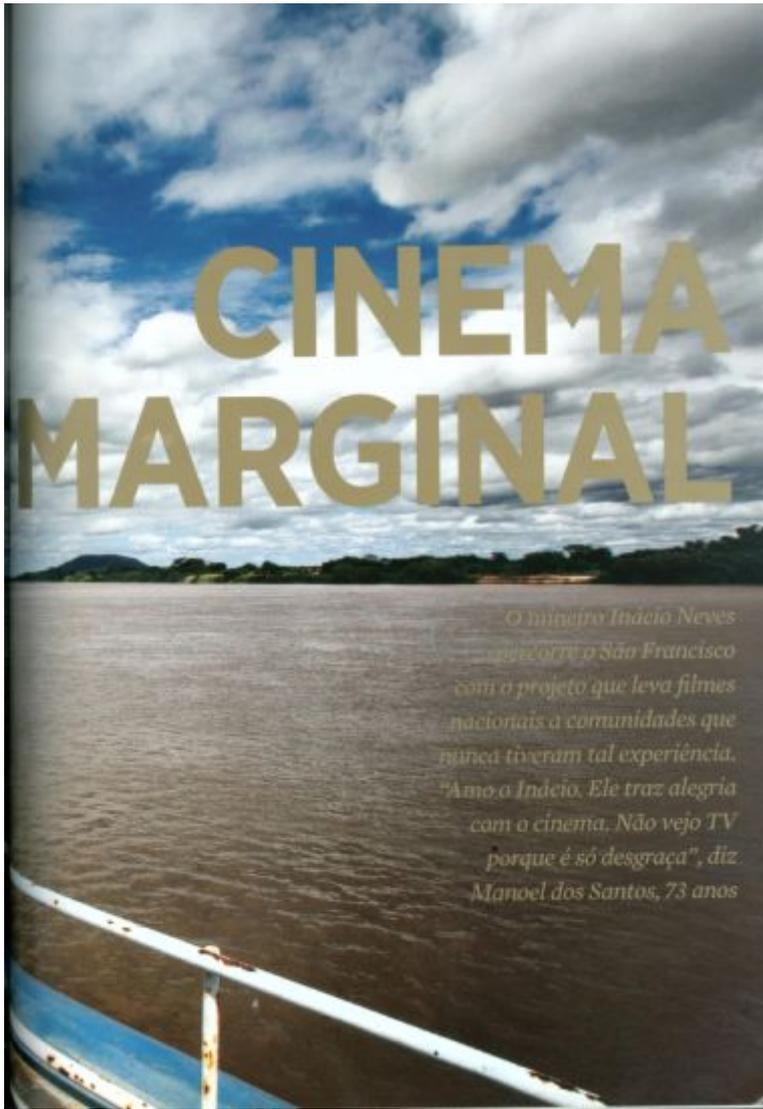
## **INÁCIO NEVES** RESPONDE:

*Em 2004, quando iniciei o projeto Cinema no Rio, a maioria das cidades às margens do rio São Francisco não tinha saneamento básico ou asfalto. Até encontrar verduras para as refeições era difícil. Hoje, melhorou. Mas falta muito. Inclusive medidas para salvar o Velho Chico.*

POB: Elio Perissini - FOTOS: Fernando Moraes



PARQUE NEVES MACHUCA PELO RIO SÃO FRANCISCO NA COMUNIDADE LUMINAIS, COM EQUIPE DE 10 PESSOAS E UMA TELA INFLÁVEL



# CINEMA MARGINAL

*O ministro Inácio Neves  
percorreu o São Francisco  
com o projeto que leva filmes  
nacionais a comunidades que  
nunca tiveram tal experiência.  
"Amo o Inácio. Ele traz alegria  
com o cinema. Não vejo TV  
porque é só desgraça", diz  
Manoel dos Santos, 73 anos*



Januária, norte de Minas Gerais. O sol nasce e abre a cortina de nuvens em mais um fim de semana quente e com pouco para fazer na pacata cidade à beira do rio São Francisco. O roteiro deste sábado de maio, assim como o calor que brota do chão, é o mesmo de sempre. Enquanto meninos desafiam o tédio com mergulhos acrobáticos feitos das barrancas erodidas do Velho Chico, senhoras debruçadas sobre as janelas de suas casas observam o vazio melancólico das ruas de paralelepípedo. De repente, o anúncio vindo de um alto-falante ecoa em cima de uma Kombi. Quebra o silêncio e a monótona rotina do lugar: “Imperdível! Venha assistir ao cinema no rio São Francisco! Transmissão em telão inflável! Hoje à noite, na praça dos Pescadores, às 19 horas! Traga toda a família!”.

Um pouco antes, um caminhão e carros de apoio chegam à praça. Por fim, um barco atraca e desembarca a trupe itinerante liderada pelo mineiro Inácio Neves, 55

anos. Produtores espalham cadeiras pelo local. Técnicos montam projetor, telão e sistema de áudio. Um carrinho de pipoca é estacionado.

À diferença do que acontecia no filme *Bye Bye Brasil*, tudo funciona como um mecanismo treinado, profissional. Não há o traço mambembe dos personagens filmados em 1979 por Cacá Diegues. Ali, José Wilker e Betty Faria sobreviviam cruzando a Amazônia e levando circo a povoados que não tinham televisão. Aqui, Inácio Neves carrega outro tipo de bagagem: o desejo de transformar o cenário cultural de comunidades ribeirinhas ao longo de um trecho de 400 quilômetros do rio que, com seus 2.830 quilômetros de extensão, cruza Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Ao lado de uma equipe de 18 pessoas, Inácio promove exibições de longas e curtas nacionais, além de oferecer oficinas de fotografia e gravar documentários sobre as

JANUÁRIA, NO NORTE DE MINAS GERAIS, SE PREPARA PARA RECEBER O PROJETO CINEMA NO RIO. NA PÁGINA AO LADO, INÁCIO E A EMBARCAÇÃO LUMINAR CRUZANDO O SÃO FRANCISCO.



EM SETE ANOS,  
O PROJETO  
CINEMA NO  
RIO JÁ LEVOU  
MAIS DE 200 MIL  
PESSOAS PARA  
A FRENTE DA  
GRANDE TELA

tradições de cada cidade. A cena que agita a pacata Jataíeira seria um delírio provocado pelas altas temperaturas do semiárido, não fosse uma realidade que nos últimos sete anos levou mais de 200 mil pessoas ao cinema pela primeira vez. Numa fatia do Brasil carente de políticas culturais, o Cinema no Rio é uma miragem palpável.

**O FITZCARRALDO DO SÃO FRANCISCO**

O criador do projeto é um arleticano formado em administração de empresas. Casado com uma peicanalista, pai de dois filhos adolescentes, foi um radialista com fama de sucesso. Na estação Geratá FM, em Belo Horizonte, onde nasceu, tocou em primeira mão canções de bandas como Skank e Pato Fu. É um sujeito simpático, expansivo, cativante. Um desbravador. Inácio Neves é o sonhador com a saudável mania de concretizar suas sandices. "Quando encarei o projeto, em 2004, fiz um teste pra provar que o telão inflável

funcionava perfeitamente", conta. "As pessoas olham e me dizem que era loucura. Que nunca iria conseguir."

Vaquinho, projetista da equipe, surge com uma definição mais precisa dessa fase obstinada: "O Início é o Fitzcarraldo do São Francisco". A referência aponta para o filme do alemão Werner Herzog em que o personagem-título contraria conselhos, navega por rios e se embrenha na floresta para construir uma casa de ópera na Amazônia.

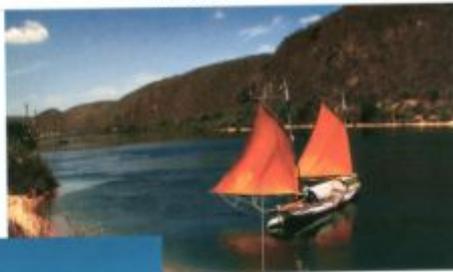
Nim fim de tarde de maio, sentado na proa da embarcação Luminar, Início sintetiza o conceito da expedição antes de se dirigir à sessão de sábado em Januária, a décima cidade num total de 13, em 18 dias de viagem: "Os filmes que exibimos são o elo pra criar uma aliança com as pessoas, pra resgatar a cultura desses lugares. E como a gente faz isso? Recuperando a autoestima da população".

Na praça central, que já se encontra lotada, as pessoas conversam animadas. Enquanto isso, o hiperativo Início se desdobra em várias funções. Verifica cada passo da operação com a produção, articula encontros com lideranças comunitárias e acompanha o registro em vídeo dos depoimentos de moradores sobre a experiência de ver um longa-metragem na tela grande pela primeira vez.

Caso da professora Juliana Lopes, 35, e de seu filho Pedro Vinu, 9. Na visita inaugural da missão a Januária, em 2010, os dois não se interessaram. Agora, deram uma chance. E se encantaram com o filme *Uma professora muito malhadinha*, adaptação do livro de Ziraldo. Em seguida, fecharam a sessão dupla assistindo ao documentário *O mineiro e o queijo*, de Helvécio Rattón. "Adorei! Achei rico", conta Juliana, ao lado de Pedro, que está esfuziante. "Quero abrir um cinema para levar as pessoas e poder assistir filmes sempre que eu quiser", diz o menino, enquanto não larga o saquinho de pipoca. No dia seguinte, de manhã bem cedo, a equipe de Início arruma a parafumalha e se divide entre o barco, o caminhão e os carros. A caravana parte em direção à vizinha Itacarambi. Ali, quem se mostra excitante por debater diante da tela é seu Manoel dos Santos Alves, 73 anos. Verá *O pau-voço*, produção dirigida e estrelada por Selton Mello. Coincidentemente, seu Manoel é conhecido na cidade como o palhaço Pontaria. "Eu amo o Início. Ele traz alegria com o cinema. Não é como a TV. TV eu não vejo, só passa desgraça. Você vieram aqui com esses filmes e me deram pelo menos mais dez anos de vida", diz seu Manoel, que tem 36 filhos e 40 e tantos netos ("não lembro o número exato").

"OS FILMES QUE EXIBIMOS NESSES LUGARES SÃO PARA RECUPERAR A AUTOESTIMA DA POPULAÇÃO"





## Embarcações históricas seguem no Velho Chico

### CAHOA DE TOLDA LUZITÂNIA

tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2010, a Luzitânia, que tem entre características duas velas ao longo de sua envergadura de madeira, é um dos três últimos exemplares das canoas de Tolda no Nordeste brasileiro. A embarcação teve grande importância econômica no transporte de mercadorias na região do Sertão São Francisco na época do comércio e volta a navegar este ano fazendo a antiga rota de 200 quilômetros entre a fazenda Proença, em Alagoas, e a foz do São Francisco, no Atlântico.

### BENJAMIM GUMARÃES

No auge do comércio comercial no São Francisco, no década de 1950, o vapor Benjamin Guimarães era mais um entre as inúmeras embarcações movidas a lenha que percorriam os 1.370 quilômetros de rio entre Proença (PE) e Juazeiro (BA). Construído em 1913, nos Estados Unidos, o barco conheceu sua história navegando pelo rio Mucuna e é o único modelo de grande porte do gênero em atividade no mundo. Em 1985, foi tombado pelo Patrimônio Histórico e faz atualmente o roteiro turístico de 600 quilômetros entre Proença e São Bartolô, no norte de Minas Gerais, numa viagem que dura três dias.

### BARCO LUMINAR

O Luminar foi construído em 1964 e, antes de servir de casa e meio de transporte à equipe do projeto Cinema do Rio, funcionou por mais de duas décadas como banco hospital e odontológico, servindo nas comunidades ribeirinhas no norte de Minas Gerais.



Assim como a família do palhaço Pontaria, a ambição de Inácio não para de crescer. Em 2005, um ano depois de aprovar o Cinema no Rio, orçado em R\$ 300 mil pelas leis de incentivo fiscal e que hoje conta com o patrocínio da Oi e da Petrobras, ele deu mais uma vez trela à sua imaginação e tratou de correr atrás para botá-la em prática. A ideia: promover sessões em cidades ao longo de ferrovias, como a estrada de ferro Carajás, a estrada de ferro Vitória-Minas e a ferrovia Centro-Atlântica. Em 2005, o Cinema nos Trilhos, uma parceria com a Fundação Vale, nasceu.

A principal meta dessas expedições comandadas por Inácio é a exibição gratuita de produções nacionais com a premissa de que os temas projetados na tela tenham relação com a vida das populações. Um desdobramento surgiu com a produção dos documentários locais, feitos com a ajuda de antropólogos. Nesta edição do Cinema no Rio, foram registrados 13 filmes que mostram o acervo cultural da cidade e de seus habitantes. Um exemplo: a tradição do batuque, uma dança de origem africana dedicada ao ritual da prescrição, em que homens dão umbigadas nas mulheres, renasceu após a passagem do projeto, na edição de 2006, na cidade de Ponto Chique. "As pessoas que praticavam o batuque diziam que a população da cidade não gostava

dela", conta Inácio. "Insistimos para que se apresentassem na abertura da sessão. Sucos. Vimos gente da comunidade participando, dançando. Tudo isso acabou registrado. Esse grupo se encheu de orgulho, de confiança. Tanto que chegou a fazer apresentações em festivais em Brasília."

#### VAPOR ILUMINADO: R\$ 14 MILHÕES

As travessias da equipe de Inácio Neves pelo rio deixam preciosas horas nas cidades. Em Palmeirinha, a 371 quilômetros de Belo Horizonte, os antropólogos da equipe descobriram que os moradores do povoado reuniam tradições culturais e estruturas sociais de uma comunidade quilombola. Só que eles não sabiam disso. O mundo lá era passado, eles não. Estacados numa comunidade sem água e desprovidos até de telefone, levavam uma vida frágil. A partir da aproximação de Inácio com o líder comunitário Agnar Lima, o cenário de ignorância e pobreza começou a mudar. "Ganhei consciência", conta Agnar. "Foi através da certificação das terras. Isso abriu a possibilidade de um novo financiamento para a construção de casas, cisternas e de um telecentro na escola municipal."

Na pequena São Romão, 128 quilômetros mais ao sul, a sessão deste ano ganhou uma surpresa exclusiva. De

EQUIPE: ALEXIA BARBEREM NA PELA (D) LUPAREL NA PELA (E) TATA DO PRILATO NA CORTINA, ANELIA LINDSTROM, UMA OPERADORA INACIO, COM CAPACIDADE PARA ATÉ 500 PESSOAS

Uma vez, o filme *Girimbó*, premiado nos festivais de cinema, Nantes e Havana, foi apresentado na cidade onde os irmãos Helvécio Martins e Clarissa Campolina conheceram os protagonistas, dona Bastu e Maria do Bol. A dupla de irmãs acompanhou a exibição na primeira fila, com olhos curiosos, enquanto seus vizinhos aplaudiam. "O Cinema no Rio me trouxe o primeiro desejo pessoal. Inácio e eu somos uma amizade grande com dona Bastu. Depois disso, voltei para fazer entrevistas sobre suas histórias. Foi quando nasceu o projeto", afirma Helvécio. "Esse é o projeto que acho mais bonito do mundo."

A sétima edição do Cinema no Rio se aproxima do fim na cidade de Matias Cardoso, quase na divisa com a Bahia. Ali, Inácio Neves, já bastante exaurido pela viagem de 18 dias e 430 quilômetros percorridos, começa a imaginar seu ano que vem. Uma imaginação que pretende ampliar o alcance do empreendimento. Ele quer tomar forma num barco de 10 metros de comprimento por 16 de largura, com capacidade para abrigar 20 pessoas, além de sala multimídia, cozinha, tratamento de esgoto e vaga para dois carros. "Eu tenho esse projeto chamado Vaque Iluminado. É uma parceria com a companhia de dança Grupo Corpo", diz. A missão, conta, é seguir exibindo filmes em cidadeszinhas do interior e ensinar crianças com oficinas de socialização, iluminação e sonorização. "Mas eu quero de expandir o conceito trazendo entidades da indústria, como o Sebrae, para capacitar, profissionalizar a população."

O sonho de Inácio começa na construção de um veículo que comporte essas ideias todas, abrigando o pequeno Luminar, que acomoda 20 pessoas. O projeto da planta do novo barco já está agora na captação dos recursos. O custo será de R\$ 14 milhões. "Tive a ideia do projeto", diz Inácio Neves. "Mas quero que as pessoas se apropriem dele. Quando eu morrer, não quero que ele se vá comigo."



**RONALDO FRAGA**

O estilista mineiro, inspirado pelas histórias de pescaria no São Francisco, contadas por seu pai, montou em 2011 uma coleção com referências, costuradas entre a moda e a cultura baiana. O projeto contou com Mara Beltrão do barcarito o poema "Águas e mágoas do Rio São Francisco", de Carlos Drummond de Andrade.



**MATIZES DUMONT**

Liderada pela mãe, Arlinda Dora, a família Dumont, de Praxópolis (MG), desenvolveu uma técnica diferente do bordado tradicional. Letras de está. Já e algodão, meduras no mesmo plano, pontos sobrepostos, uma variedade de linhas e agulhas. Desde 1991, seus trabalhos costurou e dedicados emblemáticos de livros de Zélio (Menino do no Dado, Cia. das Letras), Rubem Alves (A menina a gosto e a ficção), Cia. das Letras, Jorge Amado (A boi e o galão, Record) e Manoel de Barros (Exercícios de aviação, Salamandra).



**GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Foi no Barro do Guacuí, no encontro do rio das Velhas com o São Francisco, em Minas Gerais, que o personagem Roldão ditou seu amor por Diabzini, uma chapeleira mineira de Guimarães Rosa lançado em 1956.



**LUTHER DE SÃO FRANCISCO**

No estado de São Francisco, o projeto Fato, Fábulo e seus Instrumentos Musicais trabalha com a preservação de tradição no norte de Minas da fabricação artesanal de violão, violas e outros instrumentos, usados na festa de Fato dos Reis.